

Fatores de risco para perdas reprodutivas no setor de gestação

Werner Meincke e Cleandro Pazinato Dias

Nas granjas de suínos de uma maneira geral, o número de leitões desmamados por porca ano (L/P/A) continua sendo uma das metas zootécnicas mais importantes, pois expressa o nível de produtividade com que a unidade de produção opera.

Por sua vez, a taxa de parição é o índice de maior impacto sobre o número de L/P/A, o que significa dizer que se a mesma estiver em patamares acima de 90%, provavelmente a unidade atingirá um bom tamanho de leitegada e, conseqüentemente, as chances de desmamar um grande número de leitões por parto é maior.

O presente artigo objetiva fazer uma breve revisão dos principais fatores de risco que proporcionam perdas reprodutivas, com maior ênfase na taxa de parição e tamanho da leitegada. Serão destacadas **as dez práticas de manejo mais importantes no setor de gestação** que quando observadas e respeitadas se constituem em fatores chaves de sucesso para o alcance de altos índices de produtividade. Vale ressaltar que mais de 90% dos problemas que enfrentamos no cotidiano e que deprimem a produtividade das unidades de produção estão concentrados na área de manejo.

1- Movimentação das fêmeas no período de risco.

A fase compreendida entre a inseminação e o 28/35º dia de gestação é crítico para a sobrevivência embrionária. Neste período, devemos evitar todo e qualquer tipo de estresse, especialmente aquelas práticas de manejo relativas a movimentações para transferências e reagrupamentos de fêmeas. Algumas conseqüências que podemos esperar quando infringimos essa regra são:

- Aumento do percentual de fêmeas com retornos regulares ao cio.
- Aumento do percentual de fêmeas com retornos irregulares ao cio.
- Baixo número de leitões nascidos vivos.
- Baixas taxas de parição.

2- A falta da revisão sistemática das fêmeas nos fechamentos de ciclo (21º/42º dia) após a cobertura.

Como normalmente a maioria dos retornos que ocorrem são regulares, ou seja, dentro do ciclo estral que se repete a cada 18 a 23 dias, devemos intensificar a vigilância nesses períodos para evitar a presença de fêmeas vazias em patamares acima do esperado.

Procedimentos que devemos adotar:

- Manter uma disciplina com horários regulares para realizar as revisões das fêmeas
- Realizar as revisões com o auxílio de um macho maduro (acima de 11 meses de idade).
- Fazer uso das fichas para identificação das fêmeas que estão fechando o ciclo.
- Identificar as fêmeas com sinais de cio para programar a inseminação.

3- Manejos inadequados durante o Intervalo Desmama Cio (IDC).

A fase de IDC pode ser reduzida se adotarmos práticas de manejo que estimulem o retorno das fêmeas á atividade sexual. Para tanto, recomenda-se individualizar as fêmeas após o desmame, e produzir estímulos sexuais diários a partir do dia do desmame, com auxílio de machos treinados. Outro fator muito importante é o fornecimento de ração à vontade durante esta fase. Vale lembrar ainda que as fêmeas que não manifestarem cio até o sétimo dia pós-desmame devem ser submetidas a um programa de manejo específico.

4- Manejo inadequado das leitoas antes do acasalamento.

As leitoas formam o grupo de fêmeas que devem ser o foco do trabalho do setor de gestação, pois, geralmente, representam o grupo mais expressivo da unidade e, dificilmente, teremos uma matriz de alta produtividade no 3º ou 4º parto se não tivermos realizado um bom trabalho de preparação das mesmas. Seguem as principais práticas de manejo que devemos respeitar para obter a resposta desejada.

- Idade do primeiro estímulo sexual (150/160 dias).
- Uso de machos adultos para realização do estímulo sexual.
- Tempo do estímulo sexual.
- Formação de grupos com cio sincronizado.
- Programa de imunização.
- Observação do peso mínimo para cobertura.
- Programação do FLUSHING.

5- Falhas de manejo no arraçoamento.

A alimentação equilibrada com qualidade e nas quantias certas, parece ser uma tarefa fácil de ser realizada. Na prática, porém, este ponto tem redundado em perdas significativas e depende muito da sensibilidade que as pessoas possuem para avaliação do escore corporal das fêmeas gestantes. As falhas mais comumente observadas dizem respeito à presença de fêmeas muito gordas, o que além de ser antieconômico, provoca perdas por subconsumo na fase de lactação, problemas de parto, entre outras decorrências negativas. Ou, por outro lado, à presença de fêmeas magras que sofrem por estarem abaixo de suas necessidades metabólicas. Para minimizar a presença desse tipo de fêmeas, as seguintes práticas de manejo devem ser observadas:

- O arraçoamento à vontade durante o IDC.
- A programação do FLUSHING nas leitoas 14 dias antes da cobertura.
- O arraçoamento controlado das fêmeas no período intermediário da gestação.
- O reforço quantitativo de ração nas três semanas que antecedem o parto.
- A redução da quantidade de ração 48 horas antes do parto.
- O incremento gradativo nas quantidades de ração após o parto.

6- Controles efetivos sobre os Dias Não-Produtivos (DNP).

As maiores perdas por DNP ocorrem quando não monitoramos os eventos abaixo relacionados e que ocorrem em diferentes categorias de fêmeas.

- Leitoas admitidas e não acasaladas.
- Fêmeas desmamadas e não acasaladas.
- Fêmeas vazias.
- Fêmeas descartadas e não removidas da unidade.

Quanto maior o número de dias não produtivos, menor será a eficiência do sistema de produção

7- Estímulo sexual durante a inseminação artificial.

A inseminação artificial, quando realizada com estímulos intensos e de qualidade desencadeia:

- Aumento na intensidade das contrações uterinas que auxiliam os espermatozoides a alcançar o local da fecundação.
- A exibição do Reflexo de Tolerância durante toda a inseminação.
- A diminuição do refluxo de sêmen.
- A melhoria nos resultados gerais.

A inseminação deve ser realizada na presença do macho, e os estímulos do inseminador devem ser concomitantes com os do macho durante a sua execução.

8- Não compreensão dosaios refratários.

A equipe de trabalho deve ter a habilidade de prevenir a ocorrência desta manifestação, que ocorre quando estimulamos simultaneamente um grupo muito expressivo de fêmeas. Nessa situação verificamos que parte das fêmeas deixa de evidenciar o reflexo de tolerância no momento da inseminação, deixando os inseminadores inseguros quanto o diagnóstico do cio:

- As fêmeas apresentam os sinais e sintomas de cio, porém não evidenciam mais o reflexo de tolerância demonstrado no estímulo inicial.
- Quando voltamos a estimulá-las decorridos 30/60 minutos normalmente voltam a evidenciar o Reflexo de Tolerância.
- Para evitar a expressão deaios refratários devemos restringir o grupo de fêmeas a ser estimulado.

9- Empatia entre pessoas e animais.

Este deveria ser um pré-requisito nas entrevistas para o recrutamento de talentos humanos. Trabalhar com animais exige muita dedicação, paciência e carinho. Os resultados são em grande parte os reflexos dessas habilidades, pois os animais identificam as pessoas, pela forma com que são manejados. A prova mais contundente do que estamos afirmando ocorre quando novos funcionários assumem funções de relevância como diagnosticar cio e inseminar fêmeas. Não são poucos os registros que demonstram que os resultados oscilam e na maioria das vezes pioram quando isso acontece. A causa raiz desse quadro está no fato de que houve uma quebra da rotina de manejo (jeito de fazer) e da empatia que foi construída através do tempo entre os animais e as pessoas.

10- Falta de atenção com o indivíduo.

Pontos como a revisão sistemática das condições físicas das fêmeas por ocasião do desmame, medicações curativas proativas, e ajustes de equipamentos individuais definem a necessidade de fornecer atenção especial a determinados indivíduos. Em outras palavras podemos dizer que a sensibilidade e atenção individual ficam relegadas a um segundo plano a medida que os módulos de produção crescem, o que não deixa de ser frustrante do ponto de vista profissional e humano.

Os dez fatores de risco que acabam de ser destacados constituem apenas um extrato dos inúmeros fatores que afetam a produtividade dos plantéis. Mas, se observados, auxiliam de forma significativa na prevenção das perdas da competitividade bioeconômica do sistema produtivo suinícola. Ao apontá-los, esperamos ter contribuído de alguma forma, para aguçá-la visão crítica especialmente das equipes de trabalho do setor de gestação.